

Violência e coragem do corpo: Uma leitura da descolonização da ontologia do território íntimo e ambiental do saber

RITA RAINHO¹

o. - Conheces o Brasil?

- *Conheço Conceição, a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, a sua luta incansável pelo progresso singular do seu território e por melhores condições de vida.*

À minha resposta a esta frequente pergunta, devo um franco agradecimento à comunidade, por me permitir conhecer este Brasil que contrasta com a imagem de potência económica, com a fartura

de recursos naturais, a cultura do modernismo e tropicalismo, os paraísos de turismo, face ao qual não se resigna nem submete, organizando-se pelos direitos dos negros e negras, conquistando avanços na devolução das suas terras, forçando a lei ao enquadramento e ao exercício da Pedagogia Crioula, diferenciada, vigilantes às várias formas de governo que se assolam.

“O imenso Brasil não deveria ser aqui convocado por se isolar numa minúscula parcela do seu vasto mapa o ponto cartograficamente não mencionado do território de Conceição das Crioulas, onde acomodámos o nosso projecto intercultural. É nesse pequeno ponto perdido no vasto mapa que entendemos plenamente a dimensão do Brasil, a sua complexidade política, económica e cultural.” (PAIVA, 2009, p. 13).

Esta escrita perderia, por isso, todo o sentido e âncora sem o reconhecimento do referencial que, para mim e para o movimento intercultural Identidades, a comunidade exerce - uma resiliência contínua contra as várias tentativas de aniquilação das suas conquistas e direitos, e, um afeto ritualizado no abraço esmagador que mantém entre nós a energia e a cumplicidade, nos movimentos de Porto (Portugal) com Conceição (Brasil) e agora do Mindelo (Cabo Verde) com Conceição (Brasil).



Recepção II Encontro, na imagem Valdeci e sua neta. R.Rainho, 2019.

1. Sintomas de falência - A viagem de encanto, julgamento e caça

Minha atenção a esta comunidade, olha para o exotismo com que o seu sotaque vibra no meu ouvido e para os belos corpos que, com o meu, gingam no trancelim. É nesse sotaque que reverbera a desobediência agonística dessas vozes e corpos políticos que se implicam num pensamento-ação ímpar de educação cultural libertária, com processos liderados por mulheres que criam um espaço-tempo outro, onde a utopia do devir comum ganha um sentido escolhido pelo povo quilombola. Essa procura é sem dúvida, um sintoma de falência do ocidente que carrego, uma necessidade de caçar o sentido coletivo que ainda aí se constrói.

Seria essa admiração mais uma reedição da expectativa ocidental pela pureza e completa harmonia na vida do “bom selvagem”? Pouco a pouco, outros integrantes começaram a questionar se aquele discurso não representaria uma certa idealização da situação da comunidade, (...). (CALHEIROS, 2018, p. 71).

Tendemos a olhar para comunidades isoladas tidas como exemplares, vendo grupos pobres que orquestram a alegria que o ocidente já desperdiçou, o sentido comunitário e a solidariedade entre si que a sociedade evoluída estrangulou em favor do individualismo agreste, e gente plena de rituais coletivos que nós há muito já ridicularizamos nas nossas regiões e culturas. Esse exótico, marcado pela alteridade, é propício a ludibriar uma visão de rusticidade, pureza, natureza e uma beleza original que responde à negação intelectual do negro histórico que se consumou como feio, primitivo e selvagem.

La obediencia inconsciente de la masa toma como uno de sus fundamentos la pasión por la ignorancia. Esto implica no querer escuchar, ver, ni saber, va de la mano de la promoción del narcisismo, de la exacerbación de la imagen cuya función es tapar la falta fomentando un individualismo descarnado que intenta no ser afectado por el lazo social. (MERLIN, 2019, p. 46).

Em Conceição das Crioulas, sentimos a brutalidade da sobrecarga que as nossas vidas tendem a carregar, transbordando de objetos que ainda antes de os com-

¹ Investigadora — I2ADS/FBAUP

pramos já se haviam tornado obsoletos, e edificando perfis de uma pretensa classe, intelectual, cultural, sedutora e bem-sucedida. Que imagens projectamos então para a comunidade neste relacionamento intercultural? E como nos olha a comunidade?

Parece-me determinante enfrentar o exótico, enquanto passo de entendimento da viagem como uma sedução que a si se pode suspender, se tomar consciência do poder que inevitavelmente incorpora. Detentores da luz erudita, tendemos a projetar na comunidade uma imagem reflexo de nossa utopia ambiental social e cultural - que não chegamos a sequer a perseguir, pode a viagem suspendê-la?

Somos propensos a ver nos outros oprimidos o lugar de exceção, mas não arriscamos o espelho descolonizador de nossas práticas e julgamentos?

Como se equaciona no nosso comportamento acelerado e ansioso por produzir, a escuta profunda e lenta do designio que a comunidade possa a si **negritar**?

Herdeiros de um corpo e de uma verdade universal e hegemónica, pode a viagem interromper as nossas sentenças ocidentais?

2. Quarto escuro de Violência e Coragem do corpo: relatos íntimos de encontro

Uno suele oír advertencias como la siguiente: Si todo es discurso, ¿qué pasa con el cuerpo? Si todo es un texto, ¿qué decir de la violencia y el daño corporal? En el postestructuralismo o para el estructuralismo, ¿hay alguna materia que importa? (BUTLER, 2002, p. 54).



Plenário II Encontro. R Rainho, 2019.

Para participar no II Encontro com As Artes, A Luta, Os Saberes e Os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas (II Encontro), deixei os dois filhos que pari com o pai deles - um com 5 anos e um bebé com 1 ano de idade - na ilha de São Vicente, Cabo Verde, onde vivemos. Viajei sozinha de noite, subia o avião e subia o leite no meu peito que ia aumentando de tamanho, de dureza, de temperatura e ardor, até parecer que ia explodir. Já em terras do sertão, avançava o carro coletivo, e eu tirava leite para os frascos que tinha, entre as tonturas bebendo para me hidratar no calor que se fazia. Até que chegamos ao quilombo, o corpo dorido e culpado do abandono da cria, o peito, frustrado.

A perspectiva que tanto me condiciona como me desorienta, partindo da mera possibilidade de minha própria perspectiva, não é redutível à perspectiva à perspectiva do outro, pois esta também governa a possibilidade de eu reconhecer o outro e o outro me reconhecer. (BUTLER, 2002, p. 42).

No aconchego do abraço de reencontro com a comunidade surge também a inquietação sobre este abandono da minha cria - coisa ou coragem de uma branca. Este jogo da palavra coragem, serve-me aqui de metáfora para entender o conflito do entendimento diverso no que diz respeito às relações do corpo, afetividade e violência. É nessas circunstâncias que meu corpo-mente encontrou o corpo-comunidade no II Encontro. O programa permitiu-nos, mais uma vez, um olhar político sobre As Artes, A Luta, Os Saberes e Os Sabores deste quilombo, entre momentos de socialização e partilha, comunicações, oficinas e outros.

Marcou-me muito ouvir a apresentação dos trabalhos de investigação das professoras e investigadoras, mestres Márcia Jucilene do Nascimento e Maria Diva da Silva Rodrigues no I Encontro em 2017, “devolvendo” à comunidade local e partilhando com a internacional suas teses de “Por uma pedagogia crioula: memória, identidade e resistência no Quilombo de Conceição das Crioulas - PE” e “Política de nucleação de escolas: Uma violação de direitos e a negação da cultura e da educação escolar quilombola”, respetivamente e enquadradas no MESPT Mestrado em Desenvolvimento Sustentável junto a povos e terras tradicionais - UnB Universidade de Brasília, 2017.

A abertura de um mestrado público com esta vocação, a mobilização de apoios institucionais, comunitários e pessoais para que, depois de Givânia Maria da Silva (primeira diretora da Escola Professor

José Mendes, primeira negra quilombola da região a ingressar no ensino superior e também no MEST, primeira vereadora quilombola no município de Salgueiro, co-fundadora da CONAQ Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas), outras mulheres da comunidade realizassem suas pesquisas no quilombo em debate com as turmas, professores e tutores em Brasília, foram fatos que me impressionaram enquanto efeitos da luta através da educação que, em tantas frentes, a comunidade batalha.

Nessa altura, em 2017, o salão do PETI -Programa de Erradicação do Trabalho Infantil testemunhou a emoção de todos os que, conhecendo de perto a força humana e coletiva deste quilombo, reconheciam a celebração de mais uma luta - a extensão da representação e legitimação na academia de processos de construção de conhecimento crioulo que estas líderes promovem localmente, bem como o fortalecimento interno das suas reflexões.

No II Encontro das Artes, Saberes e Sabores e Lutas de Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas tornamos a fazer parte do momento de “devolver” à comunidade reflexões endêmicas com eco da crítica académica. Em “A voz da comunidade através de suas professoras e investigadoras Mestre Márcia Nascimento, Mestre Diva Silva, Doutoranda Givânia Maria da Silva, Mestre Maria Aparecida Mendes” voltei a essa emoção de 2017 no PETI. Não se trata de uma emoção paternalista para com as mulheres quilombolas

que conheço desde 2007 e que ao fim destes anos completam suas pós-graduações, mas de uma suspensão do meu saber para momentos de escuta e aprendizagem profunda com incríveis e sofridas lições de política e educação.

Vocês são as traidoras da sabedoria, o impedimento da indústria [...], os impedimentos da virtude e os agulhões que nos instigam a todos os vícios, à impiedade e à ruína. Vocês são o paraíso dos néscios, a praga do sábio e o grande erro da natureza. (CHARLETON, 1659, apud FEDERICI, 2017, p. 289).

Meu foco aqui é sobre o trabalho de Maria Aparecida Mendes, aqui Cida, que contribuiu para um fortalecimento de vários propósitos de descolonização do conhecimento que eu defendo. O tema da sua partilha foi *Marias Crioulas: emancipação e alianças entre mulheres no enfrentamento à violência doméstica em comunidades tradicionais*. Pela complexibilidade e sensibilidade do assunto da tese, mulheres e divindades negras e indígenas, importantes na história das suas lutas, orixás e encantandos – marcas da matriz afro-indígena no Brasil – dão voz às narrativas das mulheres que testemunharam suas histórias junto da investigadora na referida tese. Trata-se de uma estratégia comum no campo das ciências sociais e políticas, muito embora o que tende a substituir os nomes sejam siglas inócuas e neutras, como A1, B2, ou nomes triviais como Alécio, Joana e Alcinda. Assim, a autora segue uma estratégia que protege a integridade da sua comuni-

dade, mas torna isso uma oportunidade política e epistemológica para negritar nomes e trajetórias de luta invisibilizada e silenciada pelos cânones do conhecimento hegemônico, masculino, branco e de classe média ocidental.

Cida começou por nos repetir as palavras de uma parente quilombola Maria Dandara *Parece que quando você tá numa situação de violência é como se não existisse o mundo fora disso ali. (...) Como se estivesse em um quarto escuro que não consegue enxergar nada. (...)*

Atordoada com a fala sobre o quarto escuro, a primeira imagem que me veio à mente foi “Um quarto só para si” (1929), o ensaio em que Virginia Woolf procura entender como uma mulher para ter liberdade intelectual precisa de ter dinheiro e um quarto só seu. É evidente que se trata de uma controvérsia que me surja uma imagem romântica da emancipação feminina ocidental, junto a uma imagem de potência reflexiva e revolução comunitária presente no orgulho imediato que senti na superação que Cida havia conquistado, a partir da sua Luta - não sozinha num quarto só seu em Brasília, mas da Luta da sua comunidade.

Partilhar com a própria comunidade onde sofreu ela mesmo violência, onde tantas mulheres a ela se confidenciaram vítimas também, revelou-se próprio da liberdade intelectual que conquistou, não com o diploma de mestre, mas com o diploma da vida de líder comunitária quilombola hoje reconhecida na academia. Declarar que em comunidades tra-

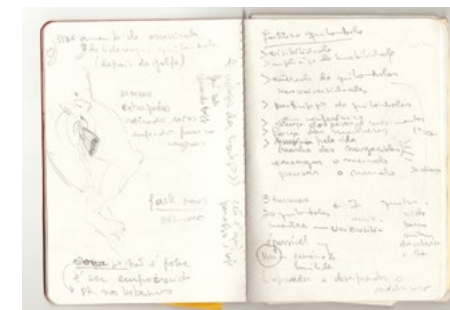


Apresentação de Cida, II Encontro. R Rainho, 2019.

dicionais matriarcais, como no quilombo de Conceição das Crioulas, há mulheres que vivem situações de “quarto escuro” e que, como ela, viveram o encarceramento de vidas que se desencontram com o seu sentido mais profundo, pareceu-me um ato de *coragem*, *cor* da luta quilombola que *age* sobre si e sobre o sistema que a possa oprimir.

Sabemos que algumas destas situações são enfrentadas por mulheres em contextos urbanos, entretanto, nas comunidades, já muito pouco assistidas pela presença cotidiana do Estado, as políticas ou não chegam ou chegam com grande ineficiência, e em especial quando se trata das instituições de segurança pública que na prática são aquelas que efetivam as ofensivas em favor dos grandes interesses do capital sob nossos territórios. (MENDES, 2019, p. 77).

No entanto, não foi só sobre o ato de *coragem* em si, mas a inquietude e a leitura crítica que trouxe, por um lado sobre a inadequação e insuficiência das políticas públicas na defesa das mulheres em



Desenho no II Encontro. R Rainho, 2019.

comunidades tradicionais rurais, e, por outro lado, na necessidade de reforço de estratégias comunitárias, incluindo ações educativas e práticas aos e com os homens das várias gerações, agressores ou não.

Se destaca em sua narrativa a ideia de que, apesar do pai ser violento, é uma pessoa a quem ama profundamente e que não deseja vê-lo preso como “mais um corpo negro jogado nas penitenciárias” (Relato oral de Nanã, concedido à autora em abril de 2018) (MENDES, 2019, p. 6).

Expõe o entendimento que tem do contraponto da imposição histórica de um sistema patriarcal, acentuado pelo racismo e na dupla ação que este tem nos homens quilombolas – violência ensinada pelo machismo e pelo racismo, ambos com preceitos colonial e colonizador. Com esta reflexão, Cida coloca-nos perante o esforço de suspender o desejo de castigar e punir, que aprendemos culturalmente nos vários ambientes de sociabilização, casa, jardins, escolas, etc., provocando-nos um deslocar em direção ao pensamento que construiu.



Lideranças. R Rainho, 2019.

Num meio tão pequeno, em termos de familiaridade e vizinhança, como um quilombo, a possibilidade de uma resposta ética ao rosto opressor é muito baixa, já que existe um quadro de violência prévio e também uma operação de poder complexa na sua presença entre os vários elementos das unidades familiares, entre a população e entre esta e as instituições.

Ainda,

Si a través de su propia violencia, el engrimiento del humanismo liberal impulsó la multiplicación de identidades culturalmente específicas, es aún más importante no repetir esa violencia sin marcar una diferencia significativa, reflexiva y prescriptiva, dentro de las luchas por articular aquellas identidades específicas forjadas a partir de un estado de sitio y dentro de ese estado de sitio. (BUTLER, 2002, p. 177).

Os relatos pessoais e comunitários acen-tuam a dor que a sua fala nos transmitiu. Porém, nem marcada por essas memórias, sua razão se torna vingativa ou de fuga ao problema.

A minha herança eurocêntrica conhece sobejamente os atos violentos e obsessivos causados por razões Neurológicas, SimBio-lógicas, de dependência de álcool ou estupefacientes vários, porém que conhecia eu até então deste enquadramento político que Cida partilhou no II Encontro?

...há “sujeitos” que não são exatamente reconheíveis como sujeitos e há “vidas” que dificilmente, ou melhor dizendo, nunca são reconhecidas como vidas. (BUTLER, 2002, p. 17)



Oficina de Teatro do Oprimido, II Encontro. R Rainho, 2019.

A lucidez que me transmitiu resiste até hoje em mim. Como pode continuar a confiar e a exigir do Estado que, agente agressor, violou ao longo dos vários séculos o povo e o seu território? Como pode cuidar do amor pelos homens que a agrediram, olhando para eles como agressores, oprimidos por um sistema maior?

3. Oficinas da Imagem, Corpo e Território de saber

A escuta de Cida no plenário do primeiro dia foi fundamental para centrar minha ação e pensamento num deslocamento da minha luta de mulher branca, para uma das lutas das líderes quilombolas em Conceição das Crioulas.

Na oficina de Teatro do Oprimido que acompanhei nas manhãs do Encontro, reencontramos em todo o pormenor das relações, das falas e olhares, o espaço e o tempo para a educação que Cida sugere para as estratégias de enfrentamento da violência de género em comunidades quilombolas rurais. Na Oficina, sentia-me obrigada a falar sobre o assunto, parti-



lhando a minha ansiedade em mudar a situação de violência em espaços íntimos, mas também públicos. No entanto, percebi que não havia abertura para isso e que isso não era um assunto que preocupasse a turma, pelo menos não naquele momento, naquele contexto. A minha presunção de querer mudar o mundo, no caso a realidade da oficina, a partir das nossas urgências, é uma tendência muito comum.

As tecnologias de governo em contexto escolar são bem invisíveis pelo modo como há muito as incorporamos e as tornamos normais. Edifícios vedados e salas assépticas, produção e utilização de materiais de instrução, desenho de uniformes e geometria vigiada de subjetividades e relações. Os corpos submetem-se e são utilizados como elementos de exibição, comparação numa linguagem subliminar de nossos comportamentos no diálogo entre quem se pressupõe que ensina e aprende.

Em Conceição das Crioulas, a consciência da importância do papel da comunidade para a construção e transformação das escolas vem de longe: na luta pelas próprias escolas, os professores da



Passeio às marcas do território de Conceição das Crioulas. R Rainho, 2019.

comunidade e a sua formação superior, os currículos de educação específica e diferenciada, a permeação da escola para a comunidade e da escola para a comunidade.

Essa consciência traz uma força de resistência às grelhas de racionalidade, à normatização e hegemonia dos conteúdos e das relações educativas administradas e fomentadas pela sala de aula enquanto parte do dispositivo maior da máquina de ensinar e formatar.

O que então se defendia, a auto-expressão, não era senão uma ficção impossível de um regime de verdade do 'eu'. (MARTINS, 2011, p. 195).

Na oficina do teatro do oprimido com a turma de 11º ano, os rapazes, entre si, não se olham nos olhos, não se tocam, e sua visão das moças tem o recorte erotizado pelas hormonas e pelos media. Pensamos na fala de Cida e no quanto é importante que o corpo não seja um tabu, que seja lugar de procura, construção e reflexão para mudança. Trabalhar o corpo individual e coletivo, a sua expressão, a sua voz, e suas

memórias, a partir da possibilidade de transformação que o diálogo, a participação e o teatro em Augusto Boal, conduziu-nos durante a oficina.

Para esta reflexão conjunta, também contribuiu o passeio por várias marcas do território, como a Pedra do Matame, um percurso que nos permite registar com o corpo as distâncias, escutar as histórias no andar, e reconhecer as conquistas travadas pela comunidade e entender a complexidade dos desafios que se apresentam com a gestão coletiva e comunitária dos territórios tomados, das ameaças permanentes aos direitos quilombolas.

Conhecer as plantas, não é aqui uma missão de botânica, mas uma possibilidade de escuta dos saberes locais, da história e papel do extrativismo na própria comunidade. Geralmente as atividades de extrativismo são realizadas por mulheres, que se fazem acompanhar dos filhos, tornando-se uma aprendizagem importante em volta do andar, o caminho, as lutas e, em particular, o trabalho nos "roçados", as plantas mais importantes e para quê, as formas de extração.



Oficina de Imagem e Audiovisual com Crioulas Vídeo, II Encontro. R Rainho, 2019.

Essas imersões no território têm sido, para as famílias, os estudantes, e até investigadoras, como Cida, uma componente que aprofunda as relações, fortalecendo-as, permitindo uma construção de saberes.

Eu mesma faço a limpeza, tiro os galhos secos, coloco escora nas galhas mais baixas, varro em baixo porque o umbuzeiro é uma casa e nos umbuzeiros do mato por onde eu passo, faço o mesmo".(MENDES, 2019, p. 138).

Esta investigadora, através do seu envolvimento no Projeto Bem Diverso, integrou na sua metodologia conversas gravadas nos momentos de pesquisa no território. A adição do objetivo de refletir sobre o protagonismo das mulheres quilombolas de Conceição das Crioulas nas práticas extrativistas do umbu e os cuidados que elas investem para a manutenção destas árvores nativas, com o silêncio e o segredo que o mato permite, traz-se para a reflexão da violência doméstica e familiar uma soma com elementos determinantes. Por um lado, o papel da mulher na luta pública e privada: no zelo e na celebração da ances-

tralidade dos umbuzeiros, na luta contra o desmatamento desordenado, extração predatória dos recursos naturais, no processo de interação com a natureza que garante uma alimentação saudável e uma oportunidade financeira para a produção e venda artesanal ou de medicina natural.

E este é outro aspeto que me parece relevante no percurso académico de Cida, a ação-investigação. Desde que formamos o ID__Cai Coletivo de Ação Investigação do movimento intercultural Identidades, que procuramos forjar a produção de conhecimento académico em contextos reais de contaminação entre o saber-fazer e o saber-pensar.

Neste II Encontro as oficinas da tarde foram todas ministradas pela própria comunidade, subvertendo-se o princípio do I Encontro em que as oficinas haviam sido apenas com oficinheiros exteriores à comunidade. Entre as oficinas, destaco a de imagem e audiovisual com o Crioulas Vídeo, das quais fiz parte.

Aqui destaco o grupo que trabalhou na Casa Grande, antiga casa de Fazendeiros e seus terrenos, recuperados recentemente.



Filmando Oficina de Imagem e Audiovisual com Crioulas Video, II Encontro, R Rainho, 2019.

te pela AQCC, como resultado das lutas que movem a comunidade em favor da retoma e gestão comunitária da totalidade do seu território.

A roda da oficina é sempre tão grande quanto a sombra permitir, não fosse o desejo das tecnologias se manifestar crescentemente sobretudo nas gerações mais novas. Como trabalhar fotografia nesse contexto, pouco tempo, muita gente, alguns telemóveis disponíveis? Nunca a escassez do tempo foi um impeditivo, e fazer junto é uma missão que há muito se encara em Conceição das Crioulas e no movimento intercultural Identidades.

Em grupos fomos à Casa Grande saber histórias do passado daquele lugar, marcado pelo domínio e abuso dos fazendeiros, mas também da resistência e da retomada do edifício e seu terreno envolvente. O que se coloca atualmente tem que ver com o uso de tal espaço, a sua ocupação simbólica, e uma possibilidade de apropriação para visibilidade da resistência quilombola.

Declarar a Comuna é, de cada vez, fazer o tempo histórico perder as estribeiras, abrir



Forno de cerâmica negra. R Rainho, 2019.

brechas no continuum desesperante das submissões, no encadeamento sem razão dos dias, na triste luta de cada um pela sua própria sobrevivência. Declarar a Comuna é consentir ligar-se. Nada mais será como antes. (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 161).

As imagens produzidas, ficaram carregadas de simbolismo heróico, mas também ingênuo. Transportaram, por um lado, formas de representação do corpo negro, do corpo da criança, da mulher, do jovem que é atingido pela forma preserva com que os media tratam o corpo, a negritude e a mulher (tema cujo fôlego a que obriga, nos remeteria a outro artigo), e por outro revelaram-se importantes sinais daquilo que veio a ser a celebração do Dia da Consciência Negra que AQCC organizou, com desfile de peças de vestuário com bordados locais que negritam a união e a luta do povo do quilombo de Conceição das Crioulas na resistência e conquista dos seus direitos, assim como da pergunta que ecoa no seio da comunidade: como poderá ser representada a memória do passado e presente de luta na Casa Grande? Como apropriarmos da ruína e símbolo de um po-

der que derrotado, se quer erguer disfarçado de novos sistemas, não ideologias, viroses e neutralismos científicos? Qual o lugar de futuro numa casa de passado?

4. Ir e Voltar

Recorro à imagem de vermelho ventre efervescente, na boca do forno construído na oficina de cerâmica negra, para me remeter ao calor com que sempre fui recebida em Conceição das Crioulas, à energia de todas as surpresas, os abraços e cumprimentos. Esse calor, transporta-nos para o conforto da amizade, e por vezes distrai-nos do entendimento mais profundo daquilo que a comunidade enfrenta todos os dias, e ainda mais nos dias que o contexto político brasileiro hoje estratêgia.

Ter corpo de mulher, comportamento e visitas de amiga, companheira de luta, não se pode confundir com ser quilombola de Conceição das Crioulas. Essa consciência de ser alteridade traz consigo um poder que constantemente preciso suspender para poder seguir a escola das perguntas que respondem a inquietações que levantam novas perguntas. No quilombo e com @s quilombolas, chegam e partem minhas perguntas, minha descoberta mais íntima de ser no mundo e do saber sem saber.

A vós, um abraço de quem quer voltar logo à casa-comunidade.

Referências

ARAÚJO, E.; SILVA, G. Racismo e violência contra quilombos no Brasil. *Confluências* v. 21, n.2, 2019. p. 196–208.

BUTLER, J. *Cuerpos que importan : sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2002.

CALHEIROS, F. À partilha: indagações em torno da visita a Chã de Feijoaal, Planalto Norte, Santo Antão, Cabo Verde. In: PAIVA, J. C. De; COUTO, L. (Org.). *Encontrar sentidos na experiência partilhada em Cabo Verde - 4º Encontro Internacional sobre Educação Artística*. [S.l.]: [s.n.], 2018.

DARDOT, P.; LAVAL, C. *COMUM. Ensaio sobre a revolução no século XXI*. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2017.

FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

MARTINS, C. *As narrativas do génio e da salvação: A invenção do olhar e a fabricação da mão na educação e no ensino das artes visuais em Portugal (de finais de XVIII à primeira metade do século XX)*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação, 2011. Disponível em: <<http://http://repositorio.ul.pt/handle/10451/5733>>.

MENDES, M. A. *Marias Crioulas: Emancipação e Alianças entre mulheres no enfrentamento à violência doméstica em comunidades Tradicionais*. Brasília: Universidade de Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/37900/1/2019_MariaAparecidaMendes.pdf>.

MERLIN, N. *Mentir y Colonizar: Obediencia incosciente y subjetividad neoliberal*. Buenos Aires: Letra Viva, 2019.

PAIVA, J. C. De. *ARTE/desENVOLVIMENTO*. Porto: Universidade do Porto: Faculdade de Belas Artes, 2009.